

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A ENXADA É DE TODA A GENTE – A PROPÓSITO DE TORRE BELA**  
**23 de Abril de 2026**

**Linha Vermelha / 2011**

um filme de JOSÉ FILIPE COSTA

*Realização:* José Filipe Costa *Fotografia:* Paulo Menezes, Pedro Pinho, João Ribeiro *Imagem adicional:* Luísa Homem *Som:* Olivier Blanc, Ricardo Leal, Miguel Cabral, Helena Inverno *Som adicional:* Frederico Lobo *Montagem:* João Braz *Correcção de cor:* Paulo Américo *Misturas:* Tiago Matos *Voz off:* João Miguel Rodrigues *Assistentes de montagem:* Miguel Aguiar, Esteban Tabacznik *Gravação voz off:* Pedro Magalhães, Golden Pony *Traduções:* Adriano Smaldone, Delphine Gavin, Roopanjali Roy, Joana Frazão *Apoio leituras:* Ana Brandão *Transcrições:* Carla Capela *Estagiário:* Rui Sousa *Com:* Alda Virgílio e alunos da EBI de Manique do Intendente, Angélica Rodrigues, Camilo Mortágua, Eduarda Rosa, Fátima Martins, Herculano Valada Martins, Inês Rodrigues, José Rodrigues, Manuel Colaço, José Rabaça, José Pedro Dos Santos, Roberto Perpignani, Sandro Petica, Wilson Filipe e Thomas Harlan.

*Produção:* Terratrema Filmes (Portugal, 2011) *Apoio financeiro:* ICA/MC, Goethe Institut *Co-financiamento:* RTP *Produtores:* João Matos, José Filipe Costa *Coordenação de produção:* Joana Gusmão, Nádía Sales Grade *Assistente de produção:* Isabel Taunay *Consultadoria:* Ana Isabel Strindberg *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, legendada em português, 85 minutos *Primeira apresentação pública absoluta:* Indielisboa 2011 (Prémio de melhor longa-metragem portuguesa) *Estreia comercial em Portugal:* 12 de Abril de 2012 (Lisboa, Porto, Coimbra) *Primeira apresentação na Cinemateca (ante-estreia em Lisboa):* 10 de Abril de 2012 (“Ante-estreias”).

---

**\_\_\_\_\_ antes de Linha Vermelha é apresentada uma entrevista filmada de Sérgio Tréfaut a Thomas Harlan: Entrevista a Thomas Harlan, 1998-2026 (“folha” distribuída em separado) |**

**o texto da “folha” distribuída no contexto deste programa construído à volta de Torre Bela de Thomas Harlan foi escrito por José Filipe Costa para a sessão de ante-estreia do seu filme Linha Vermelha, na Cinemateca, em Abril de 2012 | José Filipe Costa escreveu um texto intitulado “Torre Bela e a Força Criadora do Cinema” em Janeiro de 2026 que está publicado na brochura da edição dvd daquele filme | sessão com apresentação de José Filipe Costa**

---

Quando começámos a filmar nas aldeias adjacentes à herdade Torre Bela, a intenção era confrontar as imagens do documentário de Harlan, captadas em 1975, com aquelas que iríamos registar na actualidade: que memória daquela experiência radical se reflectia no dia-a-dia dos ocupantes? No primeiro contacto com os protagonistas de TORRE BELA em 2007, acompanhando Alexandra Lucas Coelho em reportagem para o *Público*, apercebi-me dos meandros do trabalho da memória e de como era difícil separar um filme *histórico* e os eventos que retrata. Nesse Agosto de 2007, o documentário de Harlan chegava a uma sala comercial e isto era um acontecimento em si. É verdade que tinha sido já editado em DVD numa colecção comemorativa do 25 de Abril do jornal *Público*, em 2004. E tinha sido um dos objectos tratados em OUTRO PAÍS (1999), de Sérgio Tréfaut. No entanto, o filme não tinha tido a visibilidade que o seu autor para ele ambicionara. Não tinha cumprido uma das funções que estava na mente de Harlan quando veio para Portugal em Janeiro de 1975 filmar a revolução: disseminar a imagem da génese do poder popular no país e no estrangeiro, nos anos seguintes à revolução do 25 de Abril. As mudanças do contexto político português goraram tal projecto. E as desconfianças de alguns sectores políticos e intelectuais relativamente ao resultado final também para isso contribuíram.

Quando pusemos os pés em Manique do Intendente, Maçussa, e nos arredores desta região do Ribatejo, a história do filme vinha assim enredada em pequenas estórias: a biografia de Harlan, o desconhecido financiamento do seu filme, os rumores ligados à sua filiação política, tudo isto combinado com a imagem

da própria Torre Bela, apelidada de ocupação selvagem que tinha redundado na suposta destruição da propriedade. Não é assim de admirar que alguns dos ex-ocupantes se tenham recusado a confirmar a sua presença naquela multidão que se juntava na herdade e dizia “sim” à cooperativa. Se olharmos para as imagens vemo-los lá quase todos, mais jovens, entusiasmados sob o efeito de uma “febre” que percorria o país, tal como diz uma das moradoras de Manique.

À medida que as filmagens de LINHA VERMELHA foram prosseguindo, o documentário de Harlan transformou-se não na prova de um suposto “crime”, como alguns dizem, mas na prova de que as imagens são usadas para testificar algo, como se sobre isso dissessem a verdade última, fixando e solidificando sentidos. A aparente clareza de uma imagem tem um efeito apaziguador e congregador. Toda a história da produção e da recepção do filme mostra que muitas vezes as imagens se colam à pele e acabam por gerar efeitos concretos e contagiantes.

E no entanto, uma imagem é sempre algo construído. Não é transparente, não é uma janela sobre o mundo. Uma imagem não vale mil palavras. Precisa muitas vezes de outras imagens e de outras palavras para que se abra em todos os seus vários sentidos e em todas as suas ambivalências, apesar destas serem mais perturbadoras e difíceis de suportar. Não é esta a moral da história das imagens dos canhões que afinal eram carroças? Neste delicioso episódio, as singelas carroças que serviriam apenas para o trabalho agrícola fotografadas de certo modo por uns repórteres de Lisboa, foram tomadas como terríficos canhões preparados pelos membros da cooperativa para se defenderem na Torre Bela. Vistas hoje, parecem testes de **Rorschach: o que se vê ali, carroças ou canhões?**

O TORRE BELA é um dos peões na guerra da memória sobre o PREC, época que ainda paira como um espectro sobre o nosso passado recente. “Os traumas históricos que não estamos prontos a enfrentar continuam a assombrar-nos ainda com mais força”, diz Slavov Zizek (*Bem-Vindo ao Deserto do Real*, 2006:38). Só através da rememoração é que aqueles podem ser reintegrados e paradoxalmente esquecidos. O mais interessante é que não é apenas o passado que se posiciona nesta arena de combate. É também e sempre o presente. Ao olharmos para aquela época a partir de hoje, as questões que a Torre Bela põe, parecem ainda mais vivas.

O filme fez-se graças a Thomas Harlan que generosamente respondeu às nossas questões e também a Alda Virgílio e alunos da EBI de Manique do Intendente, Angélica Rodrigues, Camilo Mortágua, Eduarda Rosa, Fátima Martins, Herculano Valada Martins, Inês Rodrigues, José Rodrigues, Manuel Colaço, José Rabaça, José Pedro dos Santos, Roberto Perpignani, Sandro Petica, Wilson Filipe.

E também graças a Adriano Smaldone, Ana Isabel Strindberg, Carla Capela, Delphine Gavin, Esteban Tabacznik, Frederico Lobo, Helena Inverno, Isabel Lopes, Isabel Taunay, Joana Gusmão, Joana Frazão, João Bráz, João Matos, João Miguel Rodrigues, João Ribeiro, Luísa Homem, Miguel Aguiar, Miguel Cabral, Nádia Sales Grade, Olivier Blanc, Paulo Américo, Paulo Menezes, Pedro Pinho, Ricardo Leal, Roopanjali Roy, Rui Sousa, Terratrema, Tiago Matos e ao apoio financeiro de ICA/MC, RTP e Goethe Institut. E agora distribui-se graças de novo aos sócios da Terratrema, Ana Isabel Strindberg, Ana Teresa Santos, Carla Capela, Isabel Marques, João Matos, Joana Gusmão, Sandra Cardoso e Sara Eugénio.

José Filipe Costa  
Abril de 2012